



IMAGENS E SALA DE AULA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A SUBJETIVIDADE DOS EDUCANDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS NAS PESQUISAS DO NETEDU

Autora: Débora da Fonseca Fiaux Aguiar
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – dffaguiar@hotmail.com

Coautora: M^a Adriane Matos de Araujo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – adrianematosaraujo@gmail.com

Orientadora: Dra. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – clgmattos@gmail.com

INTRODUÇÃO

A fim de dar continuidade aos estudos da pesquisa “ETNOGRAFIA E EXCLUSÃO: Meta-análise interpretativa das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Etnografia em Educação (1984-2016)”, foi proposto, no grupo de pesquisa, pela coordenadora do mesmo, a releitura dos trabalhos que ajudem a assinalar a relação entre Imagem e Escola / Educação e o processo de exclusão.

Com isso, a partir dos textos selecionados pelo grupo de pesquisa, despertou-se a atenção da autora, que ainda está no início da graduação, para as relações interpessoais e para a dinâmica dentro da sala de aula, isto é, como estas podem influenciar a subjetividade do(a) aluno(a) e o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas.

Assim, objetiva-se efetuar no presente resumo uma reflexão preliminar sobre: as imagens das interações entre o(a) aluno(a) e a comunidade escolar; a imagem do(a) educando(a) perante as novas tecnologias de informação e comunicação; e como as construções de imagens podem contribuir para o sucesso ou insucesso escolar. Porém, antes de se adentrar nas questões, necessário se faz esclarecer que a imagem, segundo os ensinamentos de Mattos (2005), pode ser entendida como aquilo que representa algo em sua ausência e que, ao mesmo tempo em que ela é uma representação, também se diferencia desta por causa de suas características realísticas, sendo classificada a partir de 02 (dois) eixos, que são: a imagem como representação da realidade e a imagem como significação. Desta forma, a imagética é capaz de gerar uma cultura visual e, no tocante à sua materialidade, poderá ser material ou não-material, incluindo-se nesta última a imagem mental subjetiva ou virtual. Na área de educação a imagem tornou-se um instrumento de prova para denúncias e impulsionadora de debates críticos.

METODOLOGIA

O presente trabalho possui como metodologia a pesquisa bibliográfica realizada no banco de dados do Núcleo de Etnografia em Educação – NetEdu, tendo-se como base a meta-análise interpretativa dos estudos elaborados, entre os anos de 1984 a 2016, que abordem, direta ou indiretamente, temas relacionados às imagens etnográficas da exclusão educacional. Buscando-se facilitar o acesso do conteúdo, os textos foram analisados através de mapas conceituais feitos pelas alunas bolsistas e catalogados no software EndNote.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há mais de quatro décadas, pesquisadores ligados à área de educação enfrentam o desafio de tentar entender o porquê dos altos índices de fracasso escolar no Brasil. Ao longo dos anos, vários supostos culpados pela imagem de insucesso dos estudantes foram apontados. Embora existam inúmeros motivos de suma relevância que contribuam direta ou indiretamente para estes dados, o presente trabalho se restringirá, apenas, às relações interpessoais e às dinâmicas de sala de aula e como estas podem influenciar a subjetividade do aluno e da aluna de escolas públicas. Assim, serão realizadas reflexões preliminares sobre três pontos, que, como citados acima, são: as imagens das interações entre o(a) aluno(a) e a comunidade escolar; a imagem do(a) educando(a) perante as novas tecnologias de informação e comunicação; e como as construções de imagens podem contribuir para o sucesso ou insucesso escolar.

No tocante às imagens das interações entre o(a) aluno(a) e a comunidade escolar, os escritos de Mattos e Fontoura (2009) demonstram algumas das pesquisas realizadas, tendo-se uma produzida no período de 1989 a 1992 (MATTOS, 1992), época em que havia uma associação da imagem do(a) educando(a) com problemas de indisciplina e que fracassava a adjetivos pejorativos, do tipo delinquente e descuidado(a). Como resultado este(a) era colocado(a) no ostracismo por professores(as) e diretores(as) e, com isso, era expulso(a) da instituição de ensino. Já outra pesquisa ocorreu nos anos de 1992 a 1996 (MATTOS, 1992b, 1993). Nesta verificou-se que o grupo de sujeitos acreditava que a escola era um instrumento capaz de possibilitar melhores condições de vida, além de considerarem que os(as) professores(as) entenderiam as dificuldades enfrentadas. Observou-se que a disposição da sala de aula era organizada como um meio de controle disciplinar ou modo avaliativo de sucesso ou insucesso. Ademais, a ironia utilizada por alguns educadores e algumas educadoras como estratégia para chamar a atenção dos(as) alunos(as) dificultava a interação na sala de aula. Na maioria das vezes, estes(as) eram, indiretamente, impulsionados(as) ao fracasso após serem estigmatizados(as) como incapazes, desempenhando tal papel para agradar o(a) professor(a) e passando a acreditar que, de fato, não poderiam prosperar. Eram também vulneráveis perante as decisões dos Conselhos de Classe, o que contribuía para a exclusão educacional dos repetentes com dificuldades de aprendizagem do conteúdo.

Em relação à imagem do(a) educando(a) perante as novas tecnologias de informação e comunicação, destacam-se os estudos realizados por Mourão (2006) com alunos(as) de um Centro Integrado de Educação Pública Estadual, situado no município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em que, através de entrevistas, buscou-se dar voz aos estudantes, a fim de entender o cenário de desigualdade, insegurança, preconceito e exclusão que era, constantemente, vivenciado por eles. Com isso, observou-se a imagem do desmonte da escola pública, que, segundo Cavaliere e Coelho (2003, p.151), é resultado de questões políticas. A globalização e as constantes evoluções das tecnologias de informação e comunicação modificam, rapidamente, a sociedade, o que, conseqüentemente, vem alterando as vivências dos sujeitos sociais, colocando-se como responsabilidade da escola a missão de também transmitir aos alunos e às alunas os novos conhecimentos e culturas para que os(as) mesmos(as) sejam inseridos(as) no processo de inclusão e estejam preparados(as) para competir, com igualdade, no mercado de trabalho. Para Mourão (2006) o ensino das novas competências e saberes é um dos fatores primordiais para se alcançar a cidadania plena. No entanto, as carências, tanto humanas quanto materiais, que vem ocorrendo em algumas instituições públicas de ensino dificultam a preparação desses indivíduos. Como resultado os(as) alunos(as), que, em sua maioria, são menos favorecidos economicamente, observam em seu cotidiano as transformações e contrastes sociais. Há a consciência das inovações tecnológicas, porém a descrença de que, algum dia, poderão usufruí-las se sobrepõe. Predomina-se uma baixa autoestima no tocante ao incerto futuro. Embora seja identificado um alto nível de reflexividade nas

falas dos(as) educandos(as) sobre o contexto socioeconômico em que estão inseridos(as), estes(as), ainda, não conseguiram adquirir uma postura crítica capaz de impulsionar a reivindicação de seus direitos e garantias fundamentais.

Por fim, as construções de imagens podem contribuir para o sucesso ou insucesso escolar, pois, conforme observado nos escritos de Mattos (2010), o fracasso escolar é fruto da absorção, pelo(a) educando(a), de estigmas e estereótipos ao qual é submetido(a) dentro e fora da instituição de ensino. Dizeres grosseiros têm o poder de marcá-lo(a). Como resultado a imagem subjetiva do(a) aluno(a) é afetada, fazendo com que o(a) mesmo(a) seja reconhecido(a) ou se reconheça, perante o meio social, de uma determinada forma que nem sempre será positiva. Segundo Teixeira (2004, p.40), o imaginário é composto por representações verbalizadas e emocionais, sendo demonstrado pela cultura e pela expressão verbal e ou corporal, o que influencia a moral, o emocional e a cognição do ator social. Observa-se pela tese de Alves (2012) que a representação social da escola também reflete sobre a auto-imagem que o(a) educando(a) tem do seu papel de aluno(a), bem como, às vezes, influencia no processo de ensino-aprendizagem. Assim, as consequências do tipo de imagem produzida sobre a reflexividade da identidade social e subjetiva dos estudantes poderão ser verificadas no presente e no futuro, a partir de bases valorativas e afetivas.

CONCLUSÕES

As interações entre os(as) alunos(as), a comunidade escolar e a sociedade criam imagens carregadas de significados que, às vezes, podem facilitar o processo de exclusão dos estudantes. Marcas deixadas influenciam a subjetividade e contribuem para o sucesso ou insucesso da trajetória acadêmica. Além disso, a imagética que os(as) educandos(as) produzem da escola é um espelho de sua reflexividade sobre as experiências presenciadas.

Outrossim, coloca-se para as instituições de ensino a grande responsabilidade de transmitir aos alunos e alunas os novos conhecimentos, culturas e o contato com as atuais tecnologias de informação e comunicação, porém para o desenvolvimento de um bom trabalho é de suma importância que ocorram investimentos em materiais, na formação continuada dos(as) professores(as) e demais recursos básicos necessários, com o intuito de que a escola seja um ambiente favorável ao processo de ensino-aprendizagem e que, com isso, consiga atingir as suas finalidades sociais que são a inclusão e a cidadania plena dos(as) educandos(as).

Por fim, observou-se que a escola pública é, para muitos estudantes e suas famílias, a única esperança de um futuro melhor, sendo considerada um instrumento capaz de possibilitar a transformação da realidade socioeconômica do(a) aluno(a).

REFERÊNCIAS

MATTOS, C.L.G de. **Imagem como cultura visual**. Rio de Janeiro, 2005. 29 f.

MATTOS, C.L.G. de; FONTOURA, H.A. da. Etnografias na escola: duas décadas de pesquisa sobre o fracasso escolar no ensino fundamental. In: MATTOS, C.L.G. de; FONTOURA, H.A. da (Org.). **Etnografia e Educação: relatos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009. p. 11-30.

MOURÃO, L. de M. **Entre o sonho e a realidade: a reflexividade como possibilidade de despertar**. 2006. 14 f. Parte de Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.



MATTOS, S.M.N. de. **Imagens e vozes que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares.** Disponível em: <<http://www.redalyc.org:9081/html/684/68420575005/>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

ALVEZ, W.B. **A Escola no Espelho:** as representações do aluno. 2012. 153 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.